



GRUPO DE ESTUDOS ESTÚDIO DE PINTURA APOTHEKE

Entrevista com Rodrigo Linhares

Tradução do questionário retirado do livro de Joe Fig, *Inside The Painter's Studio* (Princeton Architectural Press, 2009).

1. Quando foi que você se considerou um artista profissional, e quando se sentiu capaz de se dedicar em tempo integral à arte?

Não me considero um artista profissional embora desde sempre tenha trabalhado profissionalmente com arte em diversas frentes. Nos últimos anos o meu trabalho de artista tem recebido alguma atenção do circuito da arte, sobretudo em São Paulo, mas creio que ainda estou distante da possibilidade de atuar profissionalmente como artista e muito menos em tempo integral. Ultimamente venho me questionando sobre o que é ser um artista profissional, sobretudo o que é ser artista e cada vez mais me convenço que estas condições de ser ou estar, não necessariamente estão condicionadas somente à atividade de criar e produzir obras, mas também à experiência de travar verdadeiro contato com as implicações da vida cotidiana. Estas implicações podem variar desde simples trocas sociais a ter que exercer outras atividades para ter uma renda para viver, pagar para viabilizar a própria produção, abrir mão, recuar, desistir, se acostumar a ouvir não, driblar a frustração, começar de novo. Se ainda assim você teima com esta ideia de *ser artista*, é por que você é um artista. Profissional? Não vem ao caso.

2. E então, quanto tempo você tem estado em estúdio?

Meu horário de trabalho no ateliê acontece geralmente à noite, depois que cumpro a jornada no instituto cultural onde atuo como produtor executivo. Atualmente consigo dispor de duas ou três horas nos dias de semana e de quatro a seis horas nos finais de semana.

3. Quando você começou a trabalhar neste espaço?

Estou trabalhando neste espaço desde outubro de 2017.

4. A localização do seu estúdio influenciou seu trabalho de alguma forma?

Influenciou e permanece influenciando. Em duas oportunidades participei de residências artísticas em estúdios com ambientes muito mais amplos do que eu estava acostumado e foi revelador



perceber o quanto o espaço também era uma urgência do meu processo. Antes deste ateliê era uma constante ter que me adaptar às condições dos cômodos das casas em que morei, dividindo espaço com a sala de estar ou o quarto de dormir, me restringindo às dimensões dos lugares disponíveis e ao uso de materiais que não causassem danos à estrutura dos imóveis. Depois destas experiências nas residências artísticas sai em busca de um local em que eu pudesse ter um espaço exclusivo para produzir. Embora o ateliê ainda ocupe um dos cômodos da minha casa, hoje em dia eu conto com um espaço relativamente generoso que me permite testar outras escalas para o trabalho.

5. Você pode descrever um dia típico em sua vida?

Acordo por volta das 8h, tomo um café rápido e vou para o trabalho no instituto. O trajeto no metrô é um momento que me dedico a ler algum livro de literatura ou estudar o inglês. Quando chego no trabalho passo alguns minutos lendo as notícias do dia para me manter informado sobre as atualidades, dou uma espiada no mapa das artes e no futebol e depois começo minha jornada. Embora trabalhe com a produção de exposições e frequentemente faça contato com artistas, curadores, produtores, etc., meu trabalho como produtor é baseado na organização e geração de informações. Em linhas gerais faço uma função burocrática desde os pormenores de uma exposição e passo o dia todo entre reuniões e o computador. Saio do instituto por volta das 19h, eventualmente vou numa academia me exercitar durante 1h, chego em casa, faço uma refeição e passo algum tempo com minha companheira. Um pouco depois das 21h vou para o ateliê. Minhas atividades variam muito, as vezes me dedico a ler ou assistir alguma entrevista. Neste início de 2019 tenho me dedicado a organizar meu novo site, fotografar obras que não possuem registros e principalmente preparar projetos para inscrições em editais que geralmente pipocam entre os meses de setembro a março. Geralmente encerro as atividades no ateliê por volta da 1h00, quando saio um pouco mais cedo ainda assisto um filme antes de dormir. Tenho fases de alta produção, sempre em períodos que antecedem alguma exposição ou quando quero enviar algo novo para algum edital. Atualmente estou trabalhando numa nova série de "Desenhos Lavados", como são peças grandes o processo é bastante lento, chego a demorar semanas para fazer um único desenho, o que faz com que minha rotina noturna seja bastante rigorosa.

6. Você costuma ouvir música, rádio, TV quando está trabalhando, e isso afeta o seu trabalho?

Sou aficcionado pela história dos conflitos políticos e das guerras do século XX e quando estou trabalhando, costumo deixar rodando algum documentário sobre um destes assuntos no



youtube. Não lembro quase nada do conteúdo visual, mas já decorei as falas de alguns deles. Quando estou muito concentrado não percebo quando os filmes começam a se repetir automaticamente no youtube, alguns eu já ouvi dezenas de vezes. O silêncio tem um efeito contrário na minha concentração, me deixa facilmente disperso. Ultimamente tenho tentado ouvir podcasts em inglês para tentar melhorar minha percepção sobre a língua, mas não é muito inspirador e ao contrário dos filmes me obriga a ficar com o ouvido mais atento, o que também me dispersa. Gosto de ouvir música acompanhado de uma cerveja ou vinho no ateliê eventualmente nas sextas e nos sábados, quando não preciso acordar cedo no dia seguinte.

7. Que tipo de tintas que você usa?

Gosto em especial da Winsor & Newton que é muito superior a qualquer outra a base óleo para se trabalhar sobre papel. É uma tinta relativamente cara, mas depois de muitos testes pintando sobre diversos tipos de papéis, alguns inclusive impressos, cheguei à conclusão que a Winsor é a que adere melhor, agride menos a superfície do papel e solta menos óleo. Pintura a óleo sobre papel forma uma auréola amarelada nas bordas da superfície pintada que não me agrada muito. Atualmente tenho feito pouquíssimas pinturas com óleo e a minha tinta da vez tem sido o nanquim. Sempre faço muitas pesquisas de materiais, principalmente quando me proponho a trabalhar sobre superfícies incomuns ou inventar uma técnica específica para alguma ideia que tenho em mente. Acredito ser possível alcançar qualidade estética com qualquer material, mas muitas vezes certos materiais ajudam a encurtar o processo e a pesquisa para entender como serão as reações químicas e físicas. Materiais melhores podem vir a ser mais assertivos. Materiais mais rústicos, fabricados em casa ou de qualidade inferior costumam ser mais arredios, difíceis e demorados de dominar. Estou numa fase de produzir muito em um curto espaço de tempo, e tintas como a óleo Winsor ou o nanquim Indian Ink da Talens me dão respostas muito rápidas dentro do que busco como resultado.

8. Fale-me um pouco sobre suas paletas de pintura?

Nos últimos 5 anos venho trabalhando com o preto, seja quando trabalho com a adição de tintas, gizes, canetas, seja quando trabalho com print fotográfico. Aderi ao preto quando comecei a ter necessidade de fazer impressões em grandes dimensões. O preço do metro quadrado da impressão fotográfica costuma ser muito caro, mesmo com papéis mais comuns. Para solucionar esse problema desenvolvi um meio de imprimir a um custo baixo, usando máquinas de impressão plotter - as mesmas que são usadas para fazer impressão de banners ou plantas de arquitetura - sobre papel pergamenata. O pergamenata é uma



espécie de pergaminho sintético, muito resistente e livre de ácidos, imune a solventes, mas extremamente sensível à água. Em princípio ele não foi desenvolvido para servir de base para a impressão, mas depois de fazer exaustivos testes e perder muito material, percebi que com ele era possível fazer impressões com qualidade relativamente boa, mas a aderência da tinta da impressora só ficava satisfatória com o jato do cartucho preto. Acabei fazendo grandes séries de fotografias em preto com essa técnica. Posteriormente, comecei a trabalhar com a pintura sobre as fotografias usando bastões de tinta óleo, depois a tinta de tubo mesclada a gizes oleosos e secos, lápis dermatográficos, tinta spray e finalmente o nanquim, aplicado à técnica do desenho lavado sobre o papel algodão. Assim, acabei me tornando um artista monocromático. Obviamente, existem outros fatores, como a tensão expressiva que busco com o meu trabalho. Tenho mais facilidade de trazer essa tensão com o preto, além é claro, de questões conceituais que estão ligadas aos temas e figuras que exploro nas imagens.

9. Existem objetos específicos (no ateliê) que têm um significado importante para você?

Não tenho nenhum objeto em especial. Gosto de ter meu computador por perto, pois é onde faço o trabalho administrativo da minha produção, edito o material que produzo com a câmera fotográfica, trato as imagens, assisto os filmes, leio, ouço música e me comunico com as pessoas. É uma ferramenta de trabalho imprescindível para mim. No mais, sempre tenho algum trabalho meu temporariamente pendurado na parede, uma ou outra obra de algum amigo que gosto de deixar à vista. O único objeto fixo do ateliê é a minha estante de livros e catálogos de arte, ganhei a maioria deles ao longo dos anos em que trabalhei em exposições. Os livros que estão nela são objetos que mantenho com muito carinho, cada um guarda, para além de seu conteúdo, muitas de minhas memórias, embora nos últimos tempos estejam um pouco abandonados e merecendo uma companhia melhor do que minha. Tenho pensado em doá-los a alguma biblioteca.

10. Você tem ferramentas que são exclusivas para o seu processo criativo?

A câmera fotográfica e o photoshop. Todo o meu processo, seja com a finalidade de produzir um desenho, uma pintura ou uma fotografia, passa por eles. No caso dos desenhos lavados, é onde realizo todo o preparo para a execução da imagem, desde a captação até a definição das formas e superfícies que serão pintadas.

11. Você trabalha em uma pintura de cada vez ou várias ao mesmo tempo?



Geralmente trabalho numa única peça por vez. O principal motivo é a demora para a execução.

12. Quantas vezes você limpa seu estúdio, e qual o efeito sobre seu trabalho?

Como o ateliê fica num dos cômodos da casa onde moro, a limpeza acontece quando a casa toda passa pela faxina pesada feita quinzenalmente com poucas manutenções nesse meio tempo. Quando estou numa grande imersão de produção, geralmente para alguma exposição ou preparando um projeto, trabalho dias a fio no meio da bagunça e da sujeira gerada pelos próprios materiais. Às vezes se acumulam os pelos dos gatos que trabalham comigo no ateliê, mas não me importo muito. No geral o meu espaço de trabalho sempre está um pouco bagunçado e sujo, coisa que inevitavelmente acabou se tornando tema de algumas de minhas fotografias.

13. Quando você está pensando em seu trabalho, onde você costuma se sentar ou ficar?

Já percebi que alguns lugares são especialmente férteis para pensar no trabalho, e não são necessariamente aqueles onde eu possa ficar relaxado ou apenas parado pensando. Lavar uma louça, colocar uma roupa para lavar, capinar uma horta, tomar um banho, são atividades tão banais que ao mesmo tempo que me exigem pouca destreza mental, me ajudam a desligar do mundo lá fora e me conectam com meus pensamentos mais profundos. São nessas horas que organizo as ideias, relembro passagens importantes que vivenciei, leituras, soluciono problemas do trabalho, faço minha agenda, penso nas possibilidades da escrita, enfim, sempre recomendo para os amigos, não só os artistas, que estão precisando de alguma introspecção...vai lavar uma louça.

14. Como é que você escolhe/ cria os títulos?

Gosto de copiar títulos de filmes e pinçar palavras ou frases de efeito dos meus livros preferidos.

15. Você tem assistentes?

Não, mas sempre que preciso posso contar com amigos, geralmente artistas também, que acabam colaborando voluntariamente. Participo há mais ou menos 5 anos do grupo do Ateliê Fidalga, coordenado pelos artistas Albano Alfonso e Sandra Cinto. O Projeto Fidalga consiste em encontros semanais para se falar sobre arte e discutir sobre os trabalhos dos participantes. Não existe uma orientação, é um local onde os afetos, trocas e colaborações são cultivadas o tempo todo entre os artistas. Muitas vezes pude contar com ajuda destes colegas, principalmente em montagens e registros fotográficos de exposições, e em alguns casos, em elaborações de projetos que requerem conhecimentos mais específicos. Para a realização



das obras, raramente conto com colaborações, mas em muitas ocasiões ter colocado o trabalho na roda com o grupo me ajudou a solucionar muitas questões. O que não deixa de ser um tipo de assistência também.

16. Alguma vez você trabalhou com outro artista?

Já trabalhei com muitos artistas em diversas situações, mas sempre como colaborador e nunca como co-autor. Fiz assistência para execução de obras com alguns artistas, de ajudar a fazer pinturas até montar cenários para realização de obras fotográficas ou vídeos. Em outros casos colaborei com pós-produção, como acompanhamento de prints fotográficos em estúdios de impressão, edição audiovisual, demandas de marcenaria até processos com necessidades mais complexas como o uso de maquinário industrial, etc. Atualmente estou trabalhando com a realização de exposições, mas a relação que tenho com os artistas passou a ter um caráter mais institucional e raramente há a necessidade de um acompanhamento do processo. Quando entro em contato com a obra, ela já está praticamente pronta para expor.

17. Como um artista, você tem um lema ou credo?

Trabalha, "fio"!

Não é bem um lema, mas é algo que sempre digo para mim mesmo, principalmente quando sinto que estou prestes a titubear.